

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: em busca do desenvolvimento integral da criança

Antônia Reginalda Carvalho de Oliveira¹

Patricia da Cunha Gonzaga²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal investigar acerca da afetividade na Educação Infantil, demonstrando como ela é importante, tanto como elo na relação professor e aluno, quanto como incentivo na aquisição de conhecimentos, promovendo assim um melhor desenvolvimento integral da criança. Com esta finalidade, realizou-se uma pesquisa qualitativa e exploratória, do tipo bibliográfica, fundamentada em teóricos, como: Cunha (2010), Piaget (1971), Galvão (2008), Freire (1996), dentre outros. Entre os principais resultados, pode-se perceber que as escolas voltadas para a Educação Infantil necessitam de mais profissionais que trabalhem a afetividade. Vale ressaltar que alguns fatores podem contribuir para a falta do vínculo afetivo na relação professor-aluno na Educação Infantil, como o número excessivo de alunos na sala de aula, pois os docentes questionam o fato de dar atenção necessária a cada educando. Por meio de estudos e pesquisas realizados, é possível concluir que a relação professor- aluno na Educação Infantil pode ser reconstruída por meio da afetividade através do diálogo, respeito, carinho e compreensão incentivados pelos professores, famílias e demais profissionais que atuam na escola.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Desenvolvimento integral.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade é algo intrínseco ao ser humano; ela acompanha o indivíduo durante toda sua vida e desempenha um importante papel no seu desenvolvimento e em suas relações sociais. Com as crianças não é diferente, precisamos apenas fazer com que elas descubram isto. Se pesquisarmos o significado no dicionário Michaelis (2008), encontraremos a palavra

¹ Professora (SEDUC-PI e SEME- Pimenteiras/PI), Licenciada em Normal Superior pela UESPI (Universidade Estadual do Piauí). Especialista em Psicopedagogia pela FIJ (Faculdades Integradas de Jacarepaguá). Graduanda em Licenciatura em História (UAB/UESPI) e Licenciatura Plena em Letras Inglês (PARFOR); Atua como professora orientadora do PNAIC (Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa).

² Doutoranda em Educação (UFPI), Mestre em Educação (UFPI), Licenciada em Ciências Biológicas (UESPI). Professora Orientadora do Curso de Especialização em Educação Infantil (UESPI).

‘afetividade’ como a qualidade de quem é afetivo e, do ponto de vista psicológico, a suscetibilidade a quaisquer estímulos ou disposição para receber experiências afetivas.

Segundo Galvão (2008), a criança começa a criar vínculos afetivos desde recém-nascida, quando é acolhida pelas pessoas mais próximas que interpretam seus movimentos como estados afetivos. O pequeno humano inicia a manifestação com vários tipos de emoções que visam a expressão e a comunicação de algo ao outro, que pode ser o desconforto ou a alegria, a dor por meio do choro etc.

Conceituar o termo afetividade não constitui uma tarefa fácil, mas podemos procurar entender o assunto através das obras de alguns autores que procuram mostrar cada ponto de vista sobre o tema. Arribas (2006, p. 45) conceitua a afetividade. “[...] A afetividade refere-se, portanto, ao fato de que em todas as situações vitais conscientes o ser humano tem o testemunho de sua própria vivência interna com respeito à ressonância e ao grau em que esta situação influi sobre ele, que o afeta.”

No desenvolvimento do indivíduo, as necessidades afetivas tornam-se cognitivas; e a integração, afetividade e inteligência permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (BORBA; SPAZZIANI, 2007). A afetividade, assim, assume papel fundamental no desenvolvimento humano, determinando os interesses e necessidades individuais da pessoa.

Por isso, faz-se necessário investigar acerca da afetividade na Educação Infantil, demonstrando como ela é importante, tanto como elo na relação professor e aluno, quanto como incentivo na aquisição de conhecimentos, promovendo assim um melhor desenvolvimento integral do indivíduo.

2 A AFETIVIDADE ATUANDO NA AÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA

A afetividade é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida. Isto vale independentemente de sexo, idade, cultura. (ROTHENBERGER; CARNEIRO, 2016).

Piaget (1971) entende que o desenvolvimento social age sobre o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Como o desenvolvimento afetivo não é separado do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento social está relacionado ao desenvolvimento cognitivo e afetivo. O conhecimento social é constituído pela criança à medida que ela interage com os adultos e com outras crianças.

As relações entre o sujeito e o meio consistem em uma interação radical, de tal modo que a consciência não começa pelo conhecimento dos objetos nem pelo da atividade do sujeito, mas por um estado indiferenciado; e é desse estado que derivam dois movimentos complementares, um de incorporação das coisas ao sujeito, o outro de acomodação das próprias coisas (PIAGET, 1971, p. 384).

Segundo Maturana (2004), durante seu desenvolvimento a criança adquire, através das interações com sua mãe e outros membros da comunidade em que vive, as emoções próprias de sua família e cultura. Assim, o emocionar se dá nas relações sociais como algo natural e cultural.

Wallon (1968) mostra, portanto, as diferentes etapas e vínculos, bem como suas implicações com o “todo” representado pela personalidade, considerando que o sujeito se constrói na sua interação com o meio. Nessa intenção, Piaget (1971) afirma que o conhecimento é construído com o tempo e por meio da interação entre os indivíduos e o meio social. Para este teórico, as relações afetivas pressupõem sentimentos bons ou ruins, de acordo com o momento vivido.

Conforme Vygostky (1994), a interação social é de fundamental importância para a aprendizagem, na qual a partir da inserção da criança na cultura e com a interação social com as pessoas mais próximas ela vai se desenvolver de forma integral.

Por isto, a criança deve ter boas relações pessoais – que se sinta inserida num grupo social, seja motivada e aceita - para que tenha uma boa aprendizagem e desenvolva-se integralmente.

3 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA ESCOLA

Para que as crianças sejam bem atendidas no ambiente escolar, conforme Guiotti (2011), os conhecimentos a respeito de suas necessidades afetivas nesta fase do desenvolvimento são fundamentais, pois a criança pequena está em um momento significativo de sua constituição subjetiva e, na escola, tais conhecimentos precisam fazer parte da formação do professor, já que não são somente os aspectos cognitivos que devem ser privilegiados para o bom andamento da aprendizagem do aluno na Educação infantil.

Nesse sentido, a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é um elemento que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança e o amor não é contrário ao conhecimento, podendo tornar-se lucidez, necessidade e

alegria de aprender. Quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo e a descobri-lo. (SNYDERS,1986).

A relação do professor não deve estar voltada apenas em repassar conhecimentos, seguir metas, mas sim uma preocupação que visa atender em todos os momentos as dificuldades dos alunos, buscando uma relação de ternura e de compreensão, processo que requer tempo, construído a cada dia. “[...] As reações do professor dependem, em grande parte, da maneira como ele percebe os alunos. Convém que o professor tenha consciência de suas percepções que podem ser falhas e de que podem ser modificadas.” (PILETTI, 2004, p.81).

Souza (1970) entende que a escola é a continuação do lar, portanto, a escola não pode limitar-se apenas a fornecer conhecimentos conceituais, mas deve contribuir para o desenvolvimento da personalidade de seus alunos. A influência mais importante no processo escolar é exercida pelo professor; então é preciso que ele compreenda a origem do desenvolvimento emocional e o comportamento da criança em todas as suas manifestações.

A afetividade se refere à competência que se tem em ter ligações de emoções, seja ela sentimentos prazerosos ou não, em que pode ser expressa diante de algumas situações cotidianas. E assim acontece na escola: o aluno se depara com situações diferentes onde tudo é novo e há uma necessidade de adaptação. Segundo Corrêa (2008, p.13) “[...] O aluno ao entrar na escola, não deixa para fora da sala de aula os aspectos afetivos que compõem sua personalidade, e ao interagir, com os objetos de conhecimento, mostra a relação entre afeto e intelecto nas suas interações, no seu pensar e no agir”.

De acordo com Galvão (2008), a relação professor-aluno tem como principal fator a emoção, muitas vezes o educador usa o autoritarismo despertando no aluno o sentimento de oposição. A autora questiona o método tradicional da escola e a prática pedagógica utilizada, bem como a forma como a sala de aula deveria ser um lugar acolhedor e agradável, propiciando a aprendizagem. Nesta linha de pensamento, o papel da escola é contribuir para que a criança se desenvolva no aspecto cognitivo, mas também no afetivo e psicomotor, considerando o aspecto afetivo como um dos elementos essenciais à formação do ser humano.

O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, para que isto aconteça é necessário que o professor desperte a curiosidade dos mesmos, acompanhando suas ações no desenrolar das atividades em sala de aula. Freire (1996, p. 96) enfatiza que,

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Nesse sentido, Rubem Alves (2004) corrobora Freire (1996), reafirmando que a aprendizagem se dá numa relação entre o saber, abstratamente definido, e a inteligência da criança, cuja mediação entre saberes e inteligência se dá pela didática. Se a aprendizagem não acontece, o problema se encontra, ou na inteligência deficiente da criança, ou numa didática inadequada. Por isso, o vínculo entre professor e aluno deve ser bem definido, com amor, respeito e afeto.

Fernandez (1991) diz que a aprendizagem é repleta de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, e nos diz ainda que, aprendizagem é uma mudança comportamental resultante da experiência, é uma forma de adaptação ao meio onde esse indivíduo está inserido.

A afetividade, portanto, é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de situações, em que tal estado é de grande influencia no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todas as esferas de nossa vida. (SARNOSKI, 2014).

Wallon (1968) traz a dimensão afetiva como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética, na qual apresenta a distinção entre afetividade e emoção. Diretamente ligada à emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifestam dentro dele. Todos os fatos e acontecimentos que houve na vida de uma pessoa traz recordações e experiências por toda sua história. Desse modo, a presença de afeto determina a forma com que o indivíduo se desenvolverá, determinando assim a auto-estima das pessoas a partir da infância, pois quando uma criança recebe afeto dos outros consegue crescer e desenvolver-se com segurança e determinação.

Cada estágio da afetividade, quer dizer, as emoções, o sentimento e a paixão, pressupõem o desenvolvimento de certas capacidades, em que se revelam um estado de maturação. Portanto, quanto mais habilidades se adquire no campo da racionalidade, maior é

o desenvolvimento da afetividade. Sendo assim, as aprendizagens ocorrem, inicialmente, no âmbito familiar e depois, no social e na escola.

Portanto, destacamos que o sentido da aprendizagem é único e particular na vida de cada um, e que inúmeros são os fatores afetivos. Assim, o afeto explica a aceleração ou retardamento da formação das estruturas: aceleração no caso de interesse e necessidade do aluno e, retardamento, quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual da criança.

Cunha (2010) ressalta que o amor e o carinho são os grandes diferenciais no ato de educar, porque quem ama não expõe somente, mas estimula o educando a vivenciar suas experiências afetivas. Acrescenta ainda, que a escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor, pois o aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento.

Cunha (2010) contempla que, o que o aluno deseja realmente é a felicidade. Busca-a em todas as suas atividades e ações, além disso, procura construir e reconstruir os elementos que o farão feliz e que são mais bem compreendidos em suas emoções. Mas as barreiras que encontra para o seu aprendizado, se não forem desfeitas, poderão representar a renúncia dos seus projetos pessoais, ou algo crônico que jamais será resolvido plenamente.

4 DISCUTINDO A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões teóricas

A criança, segundo Mutschele (1994), ao entrar na escola pela primeira vez precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar-se uma nova experiência, e esta deverá ser agradável, para que haja um reforço da situação.

Nessa perspectiva, Tassoni (2011) afirma que o ato de ensinar e aprender ocorre através do vínculo afetivo e tem início no âmbito familiar, em que o vínculo afetivo entre o adulto e a criança é que sustenta a primeira etapa do processo de aprendizagem.

Grandes estudiosos, como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão. Ao estudar a criança, ele não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões - motora, afetiva e cognitiva -, que coexistem e atuam de forma integrada.

Wallon (1968) apropriadamente aponta que o nascimento da afetividade é anterior da inteligência, em que no início da vida são expressões motoras que ao longo do desenvolvimento e com a entrada no mundo das representações simbólicas e da fala cedem cada vez mais lugar à inteligência, embora tenha um lugar privilegiado na vida psíquica do ser humano.

Nesse sentido, Maldonado (1994), nos ajuda a refletir sobre fatores que dificultam o relacionamento interpessoal, apontando que o afeto pode estar escondido sob camadas de mágoa, medo, desconfiança, tristeza, ressentimento, decepção, vergonha e raiva. Adverte-nos ainda, que as atitudes ríspidas e agressivas, muitas vezes podem expressar a necessidade de proteger-se contra o medo de ser rejeitado, sentimentos de inadequação e também contra a dor do desamor, resultando num bloqueio emocional para todos os seus relacionamentos.

Segundo Winnicott (1971), pode-se dizer que a criança precisa de um bom lar, de uma boa base familiar com que possa se identificar, necessita de um ambiente emocional estável em que permita ter a oportunidade de realizar firmes e naturais progressos, no devido tempo, no decorrer das fases iniciais do seu desenvolvimento. Para isso, destacamos o quanto a criança não é um ser de pura razão, sendo os afetos, as emoções e os sentimentos essenciais para a constituição do indivíduo.

Ainda para Guiotti (2008), o professor é um mediador entre os valores éticos universais, entre a criança e a lei, entre a criança e a aprendizagem, entre a criança e a ação, em que a criança é um ser de emoção e ação.

Para Piletti (2004), na escola, as crianças bem amadas geralmente são participantes, interessadas, procuram compreender o que está acontecendo, são entusiasmadas com as atividades que acham interessantes e úteis. Em termos de convivência social, geralmente são respeitadoras dos outros, mas têm seus pontos de vista, que defendem e procuram difundir.

Wallon (1968) ressalta, portanto, que a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os seres humanos. Para ele, as emoções podem ser causa de progresso no desenvolvimento, podem ser fonte de conhecimento, pois enquanto expressões do sujeito, as emoções precedem, acompanham e orientam as atividades de relação, sem as quais elas não teriam como capturar o mundo exterior.

Para Almeida (1993), a afetividade pode ser vista sob diferentes perspectivas, ocupando lugar privilegiado no desenvolvimento psíquico e intelectual da criança e do adolescente, sendo a raiz afetiva a base de toda a atividade psíquica e intelectual. E neste contexto, o professor atua como peça fundamental nesse processo, transferindo seu

conhecimento ao aluno, pois, é no campo pedagógico, das relações professor-aluno, que a inteligência, a afetividade e o desejo se articulam, confrontando-se com faltas e carências, a fim de contribuir para a construção de novas e infinitas possibilidades de aprendizagem.

Piaget (1971) ressalta que a afetividade intervém na organização da atividade intelectual, o saber, a inteligência, o que pode estimular ou não o desenvolvimento intelectual. No entanto, o afeto não é neutro, significa um sentimento e emoção de agrado ou desagradado, prazer ou dor, amor ou ódio. Acrescenta ainda que, é por meio da interação familiar que a criança adquire seus primeiros valores e estímulos positivos ou negativos, que formam os primeiros afetos.

Piaget (1971) entende que o desenvolvimento social age sobre o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Como o desenvolvimento afetivo não é separado do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento social está relacionado ao desenvolvimento cognitivo e afetivo. Portanto, o conhecimento social é constituído pela criança à medida que ela interage com os adultos e com outras crianças.

As relações entre o sujeito e o meio consistem em uma interação radical, de tal modo que a consciência não começa pelo conhecimento dos objetos nem pelo da atividade do sujeito, mas por um estado indiferenciado; e é desse estado que derivam dois movimentos complementares, um de incorporação das coisas ao sujeito, o outro de acomodação das próprias coisas.” (PIAGET, 1971, p. 384).

Cunha (2010) ressalta que o amor e o carinho são os grandes diferenciais no ato de educar porque quem ama não expõe somente, mas estimula o educando a vivenciar suas experiências afetivas. Cunha (2010) acrescenta ainda que a escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento.

É justamente na interação que acontece tanto entre os estudantes, quanto entre estes e os adultos da escola, o desenvolvimento integral do indivíduo, já que é aí que se aprende a importância do convívio harmônico, da amizade e do respeito ao outro. Saltini (2008, p.16), afirma que, “[...] As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”.

Na teoria de Jean Piaget (1971) o desenvolvimento intelectual é composto por dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o

desenvolvimento afetivo. Esse desenvolvimento inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. De acordo com o autor, embora as crianças de aproximadamente três anos de idade estejam ainda em processo rudimentar dos conceitos morais, elas já apresentam sentimentos afetivos formados, preferências e o sentimento de gostar e não gostar. Estas experiências são necessárias para o desenvolvimento de sentimentos morais e para o futuro desenvolvimento afetivo em geral. Assim, o mundo infantil constrói-se e torna-se fortemente influenciado pelas interações com os outros.

5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa foi exploratória e qualitativa, do tipo bibliográfica. É de caráter exploratório, por ter como objetivo familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, conhece-se mais sobre aquele assunto, estando apto a construir hipóteses (GIL, 2008). É qualitativa, por não existir “suposta certeza” do método experimental. Neste sentido, quem observa ou interpreta (o pesquisador), influencia e é influenciado pelo fenômeno pesquisado.

É do tipo bibliográfico porque resulta do estudo e pesquisa de um grande acervo literário, a exemplo de Cunha (2010), Piaget (1971), Galvão (2008), Freire (1996), dentre outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, neste estudo, que as relações de afetividade podem ser percebidas desde criança, nos seus primeiros anos de vida, em que se encontram as relações de afetividade, adquirida através do contato com os pais, tios, avôs, criando, desta forma, laços de afetividade. Na escola não é diferente, pois a criança também criará laços de amizade e carinho pelos colegas e professores.

Destaca-se, portanto, que a afetividade só é estimulada através da vivência, na qual o professor-educador estabelece um vínculo de afeto com o educando, pois a criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem, por isso o afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do educando.

Quando a criança ingressa na escola pela primeira vez, ela traz consigo muitas experiências afetivas. É a sua primeira aprendizagem no meio social. A interação professor-

aluno é fundamental para uma boa adaptação escolar. Assim, o primeiro professor de uma criança tem grande importância na atitude futura desse educando, não só durante sua fase de aprendizagem, mas na sua relação com seus sucessivos professores.

No meio social, assim como junto à família e à escola, a criança deve compreender que o respeito é recíproco, e lá também, ela terá contato com outras pessoas e com certeza, vai fazer amigos, ter emoções, descobrir a importância do afeto, do carinho, do cultivo de sentimentos, etc.

O desenvolvimento infantil ocorre de maneiras e em tempos diferentes para cada criança, pois cada uma tem seu ritmo. Espera-se, em cada período do desenvolvimento, conforme demonstra Piaget (1964), a criança seja capaz de certas construções, mas não significa que ela tenha que alcançá-las ao mesmo tempo. O educador deve ter conhecimento e paciência para saber lidar com as situações, compreendendo também que, o carinho, o afeto e a atenção vai ajudar a criança no seu desenvolvimento.

Contudo, entende-se sobre a importância do vínculo afetivo na relação professor-aluno na Educação Infantil, que o educador deve propiciar um ambiente agradável, seguro e amoroso para favorecer o processo de aprendizagem, pois na educação infantil o educador é considerado um referencial para os alunos, devendo estimulá-lo a fim de ter confiança e autoestima. O docente da educação infantil não deve contemplar só a transmissão de conteúdo de maneira lúdica e diversificada, mas os aspectos afetivos, propiciando um melhor aprendizado para as crianças com mais prazer e sem sofrimento, com ênfase a uma aprendizagem saudável e prazerosa.

THE AFFECTIVITY THE IMPORTANCE OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION: In search of the Comprehensive Child Development

ABSTRACT

This work aims to investigate about the affection in kindergarten, demonstrating how it is important, both as a link in the teacher-student relationship, as an incentive to acquire knowledge, thereby promoting better development of children. To this end, there was a qualitative and exploratory research, bibliographical, based on theoretical, as Cunha (2010), Piaget (1971), Galvão (2008), Freire (1996), among others. Among the main results, it can be noticed that schools focused on early childhood education need more professionals working affectivity. It is noteworthy that some factors may contribute to the lack of bonding in the teacher-student relationship in Early Childhood Education, as the excessive number of students in the classroom, because teachers question the fact of giving necessary attention to each student. Through studies and research, it is possible to conclude that the relationship

teacher- student in kindergarten can be reconstructed through affectivity through dialogue, respect, affection and understanding encouraged by teachers, families and other professionals working in the school.

Keywords: Affection. Child education. Integral development.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Clarice Escobar de. **As relações afetivas na educação infantil**. 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2009.
- ALMEIDA, S.F.C. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender, in: Temas em Psicologia, Desenvolvimento cognitivo: linguagem e aprendizagem**. UNB: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993.
- ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Fundação Educar D Paschoal: Campinas, 2004.
- ARRIBAS, Teresa LLeixá et al. **Educação Infantil: Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BORBA, Valdinéa Rodrigues de Souza; SPAZZIANI, Maria de Lourdes. **Afetividade no contexto da Educação Infantil**, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3476--Int.pdf>>. Acesso em: mai. 2016.
- CORRÊA, Patrícia Rabello. **A dimensão afetiva do ser humano**. 2008. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem - Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERNANDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GUIOTTI, Lilian Fradique. **A Importância da Afetividade na Relação Professor-Aluno na percepção de educadores**, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream>> Acesso em: mai. 2016.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A Relevância da Afetividade na Educação Infantil**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação e Associação Educacional Leonardo da Vinci, 2002. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos>> Acesso em: mai. 2016.

MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e afetividade**. Revista de Educação AEC, v.23, n.91, p.37-44, 1994.

MARTINS, Gisele Texdorf. **A Importância da Vida Afetiva**. Disponível em: <<http://www.santacruz.br/>> Acesso em: 27 maio 2016.

MATURANA, Romicim Humberto. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MICHAELIS, M. D. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2008.

MUTSCHELE, Marly Santos. **Problemas de aprendizagem da criança : causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, sociais e ambientais**. 3. ed. São Paulo : Loyola, 1994.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

PILLETI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 17. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

ROTHENBERGER, Allana; CARNEIRO, Denise. **Afetividade, uma Proposta para Professores**, 2016. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/chaincoimbra/afetividade>> Acesso em mar. 2016.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. Afetividade no processo ensino- aprendizagem. **REI**, v. 09, nº 20, jul-dez. 2014. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223_1.pdf> . Acesso em: jun. 2016.

SILVEIRA, Elisete Avila da. **A importância da Afetividade na Aprendizagem Escolar: O afeto na relação aluno-professor**. Disponível em: <<http://psicologado.com/atuação/psicologia-escolar/a-importancia-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar-o-afeto-na-relacao-aluno-professor>> Acesso em: mar. 2016.

SNYDERS, Georges. **A Alegria na Escola**. São Paulo, Ed. Manole LTDA., 1986.

SOUSA, Francisco de. **A Afetividade e o Processo Ensino Aprendizagem**, 1970.
Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-afetividade-e-o-processo-ensino-aprendizagem>> Acesso em: mar. 2016.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e Aprendizagem: A relação professor aluno**, 2011. Disponível em:
<http://www.puccampinas.edu.br/cca/producao/arquivos/extensao/Afetividade_aprendizagem>. Acesso em: mar. 2016.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.